

LUCY DILLON

CORAÇÕES
SEM
DONO

Tradução de Cláudia Ramos

1

No início de fevereiro, Rachel Fielding tinha uma carreira relativamente glamorosa como RP de empresas *online*, um namorado que lhe oferecia flores com regularidade e se vestia melhor do que ela própria, uma empregada doméstica, e uma pele três anos mais nova do que a sua idade real de trinta e nove anos.

Contudo, ainda o mês não ia a meio, Rachel conseguiu, com uma simples e desconcertante manobra, perder o amor da sua vida, o apartamento de Chiswick e o emprego. Descobriu também, nessa mesma manhã, a sua primeira madeixa branca, bem afundada na farta melena castanha, e recebeu um sms da irmã, Amelia, acusando-a de se ter esquecido do quinto aniversário da sobrinha «porque o facto de não teres filhos não te dá o direito de seres uma cabra egoísta.»

Ter sido despedida, ou deixada, ou o aparecimento dos cabelos brancos já eram por si só suficientemente deprimentes. Mas as três coisas juntas representavam um castigo demasiado doloroso para se suportar, mesmo para uma especialista em relativizar as más notícias como ela era. Rachel só desejava poder mergulhar a cabeça num balde de gelado de Bailey's e ouvir os Joy Division, mas em vez disso viu-se sentada numa cadeira de plástico num escritório de advogados de Longhampton, uma terreola de província onde o termo *compras online* era ainda profundamente obscuro, ouvindo uma seca monumental acerca de impostos sobre heranças da boca de um tipo de meia-idade que insistia em dirigir-se a ela como «Ms. Fielding» e a referir-se a si próprio como «eu próprio.»

Rachel acabara de herdar aquilo que Gerald Flint se referia agora como «uma substanciosa propriedade», mas ela não conseguia concentrar-se senão no facto de, tal como a sua querida e defunta tia Dot há uns anos, se estar a preparar para o doloroso crepúsculo de uma vida cheia de pelos de cão e refeições individuais para micro-ondas.

Sempre que tentava concentrar-se no seu novo papel de testamentária e única beneficiária dos bens da tia Dot – que incluíam uma casa de família, canis, cães, mais cães e ainda mais cães, só lhe vinha à ideia a imagem de Oliver, os malévolos olhos escuros impondo-se-lhe como um *screensaver* masoquista: a expressão dele no momento em que ela o confrontou com os recibos – o choque, seguido do medo, e por fim um esgar inquietante, que Rachel interpretava agora como sendo de autossatisfação e soberba.

– Desculpe, Ms. Fielding, está a ouvir-me?

Rachel estremeceu e voltou a concentrar as atenções na reunião. *Controla-te. Recompõe-te. Ele foi-se embora. Tu estás aqui. Isto é importante.*

– Sim, estou a segui-lo, Mr. Flint – disse ela.

Bateu com a caneta no bloco de notas e olhou-o, vagamente confusa.

– Melhor dizendo, *não estou* a segui-lo. Importa-se de me esclarecer quanto ao que é suposto eu fazer agora, como testamentária?

Gerald Flint estava sentado à secretária, atrás de uma enorme foto em tela dos quatro netos. Ao seu lado estava uma loira na casa dos vinte, que era aparentemente a administradora dos canis de Dot. Sentado aos pés dela, estava um collie white border preto e, branco com ar infeliz.

Rachel não fazia a mínima ideia da razão de o cão estar presente. Mas bem vistas as coisas, a loucura de Dot por cães era lendária (*loucura* era o lacónico diagnóstico de Valerie, a mãe de Rachel; para Rachel não se tratava de loucura nenhuma, quando comparada, por exemplo, com a paranoia da mãe com a reciclagem do lixo). Era mais do que provável que o cão fosse cotestamentário.

Gerald confundiu o estado de espírito de Rachel – *ressaca de Oliver* – com a ansiedade do luto.

– Calculo que tudo isto lhe seja muito difícil de gerir, mas estamos aqui para a ajudar a tratar da maioria dos assuntos. Recapitulemos, então...

Rachel abriu o bloco de notas, deparando-se com a sua lista de coisas a fazer redigida na véspera num ataque de fúria – *emalar coisas, mudar a fechadura, manter número do telefone fixo, marcar férias* – e apressou-se a virar a página para uma em branco.

Enquanto ele falava, ela ia tomando notas. Antes de poder herdar a casa de Dot, e os canis, e o centro de acolhimento, teria de solicitar a relação de bens e a legitimação de testamento, depois os solicitadores tratariam do envio dos variados formulários, e as Finanças calculariam a devida tributação. Nada seria legalmente seu antes de tudo ficar devidamente pago, blá, blá, blá – mas não obstante o seu forte sentido de dever e responsabilidade, naquele momento Rachel sentia sobretudo um profundo desgosto.

Dez anos da sua vida perdidos assim. A melhor e mais perfeita década da sua vida. Não voltaria jamais a afagar o cabelo de Oliver, puxado para trás num estilo que não deveria resultar, mas resultava. O seu cheiro ao regressar a casa depois do trabalho, aquele odor masculino e antiquado, impregnado na camisa branca quando ele despia o casaco e o atirava para cima do sofá.

– ... e não poderíamos esquecer o Gem, claro – acrescentou a jovem loira, quebrando-lhe a corrente de pensamento.

Ela era australiana, por isso a frase soou mais como uma pergunta do que uma declaração. O sorriso aberto que dirigia a Rachel sugeria que ela considerava Gem o seu melhor legado.

Rachel semicerrou os olhos para lhe observar o colar de ouro pendendo sobre a *t-shirt*... Megan.

– Desculpe... não me recordo de alguém referir um cão no testamento – disse, olhando para Gerald como que a confirmar. – Falou-me nisso? Peço desculpa, mas esta última semana tem sido um verdadeiro pesadelo...

– A Dot instruiu-me expressamente para que a informasse sobre o Gem assim que a senhora cá chegasse.

Megan apontou para o cão, sentado aos seus pés desde o início da reunião, com ar obediente mas taciturno, as orelhas pendendo tristemente.

Parece mais triste e desgostoso do que eu, pensou Rachel, não sem um vago sentimento de culpa.

– O Gem tem sete anos e é um border collie. A Dot fez questão que a Rachel ficasse com ele. Foi absolutamente perentória quanto a isso, não é verdade, Gem? Para ti, nada menos que uma casa nova especial.

Acariciou com ternura as orelhas farfalhudas do cão, que lhe pôs a cabeça no colo.

– Mas eu... não tenho jeito nenhum para cães – protestou Rachel.

Ao dizer isto sentiu o cão erguer os olhos para ela. Aquele azul inquietantemente claro pareceu-lhe uma tentativa de reconhecimento. *É suposto que os cães tenham um olhar assim?* Deu por si a pensar. Dava ideia de lhe estar a perscrutar a mente e a concluir que ela não era digna de confiança para tratar sequer de uma planta alheia.

– A Dot jamais lhe deixaria o Gem se não tivesse a certeza de que a senhora é a pessoa certa. Ela tinha um talento especial para atribuir um cão à pessoa certa – esclareceu-a Megan com um ar muito sério. – Bastava alguém entrar lá em casa que ela sabia logo. Nunca deixou nenhum cão do centro de acolhimento ser adotado pela pessoa errada, nem que ela lhe implorasse.

Rachel olhou de relance para o advogado na esperança de lhe ver uma expressão cúmplice perante aquela conversa absurda, mas ele limitou-se a sorrir indulgentemente, comentando:

– É verdade! A mim atribuiu-me um casalinho adorável. Costumávamos chamar-lhe a «cãosamenteira.»

Meu Deus..., pensou Rachel, *tirem-me deste filme!*

– É de família? – quis saber Megan. – Este dom... de encantamento de cães?

– Que eu saiba, não – respondeu Rachel, educadamente.

Subitamente optou por mudar de registo.

– Não. *Definitivamente*, não. Nem pensar. Nem nunca sequer nos foi permitido termos peixinhos dourados, em crianças. Não faço ideia onde a Dot foi buscar essa loucura por cães.

Mas claro está, a Dot nunca foi uma Mossop típica. Não casou aos vinte e quatro, nunca teve filhos, e sempre se recusou a aparecer

com regularidade nos lanches e jantarinhos organizados pela mãe de Rachel. Nem a própria Rachel, aliás. Foi uma excelente ideia da parte de Valerie ter convidado Dot para madrinha de Rachel *antes* da misteriosa decisão dela de se mudar para Longhampton, tomada em plena crise de meia-idade, porque de outro modo Rachel acreditaria na teoria da mãe de que Dot tinha transmitido o seu celibato à sobrinha como uma espécie de «desgraça herdada.»

– Se me permite a franqueza, eu acho-as muito parecidas, a Rachel e a Dorothy – comentou Gerald, num tom que denotava um forte elogio. – Fisicamente, digo. Há qualquer coisa no...

Rachel sabia perfeitamente a que é que ele se referia; era o que toda a gente dizia. Pareciam ambas jardineiras eduardianas, excêntricas e sufragistas. Ou anjos perversos pré-Rafaelitas, com os seus narizes longos e olhos redondos e escuros, tão diferentes de Valerie ou da sua outra filha, Amelia, ambas loiríssimas e de pele clara. Rachel toda a vida desejou ter a beleza da irmã. Só Oliver a conseguiu convencer de que os seus tão atraentes traços a acompanhariam até aos oitenta anos.

– ... nariz? – sugeriu ela.

... qualquer coisa no nariz – concluiu Gerald em simultâneo, ficando visivelmente atrapalhado.

Rachel sabia que a sua expressão natural era bem mais feroz do que ela pretendia que fosse. Impunha respeito. O advogado tentou emendar a mão:

– A Dorothy era uma figura belíssima, digna de atenção quando passeava com os seus cães. Sempre nos perguntámos se não teria pertencido aos serviços secretos, ou coisa assim... Qualquer coisa na sua autoconfiança, talvez.

– Eu sei – disse Rachel em tom melancólico.

Oliver também adorava a autoconfiança dela. A atitude polida e despreocupada nas reuniões com os clientes, atitude que ela própria quase se convencera de que era natural e não um mero efeito colateral da sua fervente necessidade de o impressionar.

– Bom, nós temos, de facto, *algumas* coisas em comum – concedeu ela. – Mas os cães é que não, lamento. Falo a sério, Megan – acrescentou com um sorrisinho indulgente. – Não tenho as mínimas condições para ter um cão. Viajo imenso, trabalho até altas horas...

Ok, *neste momento* ela não trabalhava até altas horas, nem vivia num apartamento em Chiswick, mas a verdade é que *não queria* um collie na sua vida. Trabalhava em relações públicas, não numa série juvenil de aventuras.

– Ah, mas o Gem não é um *cão*. É um amigo. Não és, rapaz?... E se a Dot achou que você e ele foram feitos para ficar juntos, então garanto-lhe que será uma união talhada no céu.

O sorriso luminoso de Megan desvaneceu-se, dando lugar a uma expressão horrorizada.

– Oh, peço desculpa! Que falta de sensibilidade a minha. Eu não quis...

– Deixe-me dar-lhe as chaves de casa, antes de mais nada – disse Gerald.

Viu obviamente naquilo uma oportunidade de desviar as atenções, abrindo a gaveta da secretária e tirando um molho de chaves.

– Certamente que está ansiosa por ir até Four Oaks e dar uma vista de olhos por lá – acrescentou, trocando um aceno cúmplice com Megan. – A Megan terá todo o prazer em acompanhá-la e familiarizá-la com o dia a dia do canil.

Subitamente, o esgotamento mental da última semana tomou conta de Rachel, explodindo na sua cabeça como habitualmente acontecia todos os dias às três em ponto. Sentiu uma necessidade urgente de se ver sozinha com uma garrafa de vinho, de pijama e mantinha, em vez daquela saia Marc Jacobs que tanto a agonizava agora de tão apertada. Mas tinha sido um saldo e, além disso, as mulheres solteiras e bem sucedidas de trinta e tais precisavam de andar bem vestidas por não poderem agarrar-se ao pretexto de serem mães para se relaxarem no guarda-roupa.

Gerald esboçou um sorriso ao estender-lhe um enorme molho de chaves, cada uma delas marcada com uma pequena etiqueta meticulosamente redigida na caligrafia impecável de Dot.

– E tenho também uma carta que a Dorothy desejou que fosse entregue à testamentária juntamente com as chaves... Mas com certeza que vai desejar lê-la em privado.

Estendeu-lhe um envelope que Rachel enfiou dentro do bloco de notas. Gerald pigarreou e prosseguiu:

– Como já disse, podemos tratar da ida dos agentes imobiliários à propriedade para fazerem a avaliação, do envio dos formulários e seguintes procedimentos. Só lhe pedia que desse uma vista de olhos à casa e procurasse eventuais bens de valor significativo – ou, se preferir, contactamos uma firma especializada para fazer esse levantamento.

– Não, eu trato disso... Mas obrigada.

Rachel olhou para ele, depois para Megan, perguntando-se o que dizer a seguir. A mãe, com todos os seus defeitos, era ótima nessas coisas. Sabia sempre o que dizer, na altura certa, e no tom adequado. Em funerais, casamentos, leitura de testamentos – a mãe entrava em ação assim que via algum parente mais velhote de lágrima no olho. Tinha organizado à distância todos os procedimentos do funeral da Dot, tratando de a sepultar junto dos pais, em Lancashire, a sua cidade natal. Não era de estranhar, portanto, que Dot tivesse insistido que o testamento fosse tratado em Longhampton, pela testamentária – Rachel.

Val era a única pessoa que Rachel conhecia que ficava ofendida por não ter sido ela a tratar de uma tamanha seca como esta.

O cão continuava a observá-la com os seus olhos tristes e gélidos. Estava sentado muito direito, mas ao mesmo tempo parecia tão desamparado que Rachel ficou com a sensação de que ele, tal como ela, preferia de longe estar em casa, no seu cestinho e com um osso – ou o que quer que fosse equivalente a uma garrafa de vinho para um cão – do que estar ali, metido naquele imbróglio.

Megan mexeu-se nervosamente na cadeira:

– Posso pedir-lhe um favor, Ms. Fielding?

– Trate-me por Rachel, por favor. E... com certeza, diga.

Sentia-se mais do que tentada a oferecer-lhe Gem, como recordação de Dot. Ainda esperou que o pedido fosse esse. Mas infelizmente não era isso que Megan queria dela.

– Dá-me uma boleia de regresso a Four Oaks? Se é que tenciona ir para lá, é claro.

– Claro. Até me dá jeito ter alguém que saiba o caminho – disse Rachel.

A isto juntou um sorriso, porque havia qualquer coisa em Megan que tornava difícil não se sorrir. Tinha um rosto entusiasta e afável,

ainda bronzeado não obstante a penumbra de fevereiro ter já escurecido o céu lá fora. Megan era *definitivamente* fadada para os cães. *Amava-os.*

Megan manteve o seu alegre tagarelar à saída do escritório de advogados e a caminho do parque de estacionamento. Ao deparar-se com o carro de Rachel não resistiu a abrir a boca de espanto:

– Uau! É seu? – gaguejou, vendo Rachel abrir o fecho central do seu Range Rover preto. – É perfeito para o Gem! Gem, já viste bem o jipe fabuloso que a tua nova mamã tem?

O termo fez Rachel arrepiar-se.

– Ele é um cão e eu não sou mãe dele, ok?

Levou uma mão à cara e fechou os olhos com força. Não acrescentou que, agora que já não tinha emprego, o destino do Range Rover seria provavelmente Londres, assim que a empresa de *leasing* ficasse a par do seu novo estatuto de desempregada.

Vais ter de arranjar outro emprego, lembrou a si mesma. Com o teu currículo vais ter muito por onde escolher. Mesmo em plena crise, as pessoas precisavam de se promover. *Sobretudo* em plena crise.

Megan e Gem olhavam-na com expectativa, e Rachel não teve a certeza de qual dos dois se mostrava mais ansioso. Teve pena de os desapontar, tanto a uma como ao outro.

– Bom... Nem sei onde o meta. Acha que ele vai seguro na mala?

– Numa mala deste tamanho até eu iria segura! Sortudo! – disse Megan, abrindo a mala. – Ah, estou a ver que gosta de viajar *light*.

De facto, dois sacos de viagem de Rachel mais um caixote de tralha aleatória que ela juntara ao deixar o apartamento era tudo o que ocupava a gigantesca mala do jipe. Isso era outra coisa particularmente deprimente: o pouco que ela tinha para ostentar ao fim de dez anos.

– Quanto tempo pensa ficar? – quis saber Megan.

– Não sei – disse Rachel.

Passou tristemente a mão pelo cabelo, lembrando-se da madeixa branca, e suspirou:

– Para lhe ser completamente franca, neste momento não tenho planos absolutamente nenhuns.

– Anda ao sabor do vento, hã? Não há melhor maneira!

Bateu no chão da mala do carro.

– Upa, Gem, salta, rapaz!

O cão saltou obedientemente para a mala e enroscou-se entre os dois sacos Mulberry de cabedal de Rachel. Veio-lhe logo a imagem dos estofos pretos repletos de tufo de pelos, mas estava demasiado cansada para se preocupar com isso nesse momento. Assim sendo, fechou a mala e abriu a porta do lugar do condutor. Megan sorriu-lhe:

– Agradeço imenso a boleia, os autocarros não são nada de fiar por estas bandas. Afinal, estamos no campo, não é?... Bom, vou-lhe dando orientações para apanhar a estrada que sai de Longhampton e depois a que segue para Hartley.

Megan teve de dar um saltinho ao trepar para o lugar do passageiro, já que era bem mais baixa do que Rachel.

Estava de *jeans* e botas rasas e, enquanto ela se instalava, Rachel sentiu de imediato o cheiro a cão misturado com o de *White Musk*, da Body Shop.

– Não é nada longa a viagem... Mas calculo que já saiba isso, certo?

Fez uma pausa e pareceu atenta a qualquer coisa.

– Não é o seu telemóvel?

Rachel sabia que sim. Escolhera o tom de toque «Cavalgada das Valquírias» para as chamadas da mãe. A ideia de o ignorar era-lhe tentadora, mas Val sabia da reunião com o solicitador e certamente que não ia desistir de ligar. E ligar. E ligar. O melhor era atender e resolver já o assunto.

– Sim, é – disse ela, levando a mão à carteira. – Desculpe, vou ter mesmo de atender. Mas é rápido.

Saiu do carro e atendeu a chamada:

– Estou, mãe?...

– Já acabou a reunião? Estava tudo em ordem com o testamento?

Val não se pôs com rodeios ou meias palavras, atirando a matar:

– O teu pai e eu discutimos o assunto e ele é da opinião de que tem de haver uma carta da Dot a explicar como é suposto dividires as coisas. Ele acha que deve ser bem mais simples assim, para além de muito mais barato: ela deixar-te tudo e seres tu posteriormente a dividir os bens com a tua irmã em vez de deixar o assunto nas mãos dos tribunais.

Rachel respirou fundo. Esta conversa tinha começado quatro dias antes e Val retomava-a agora exatamente no ponto que a tinham deixado.

– Mãe, a Dot deixou-me de facto uma carta, mas eu ainda nem a abri. E, por favor, queres parar de falar como se eu tivesse alguma culpa nisto tudo? Sabes bem que eu jamais esperei uma coisa destas. Com certeza de que há de haver coisas que a Amelia vai querer. E tenho a certeza de que a Dot nunca quis gerar conflitos entre nós.

– Não me interpretes mal, eu não estou a criticar a Dot – insistiu a mãe, esforçando-se para ser justa.

Val era *sempre* justa e dava *sempre* às pessoas o benefício da dúvida, mesmo quando não acreditava nelas. *Sobretudo* quando não acreditava nelas.

– A Dot era mesmo assim – estava habituada a viver por si só, independente de tudo e de todos, sem laços ou preocupações com quem quer que seja. Mas aqui não se trata apenas da Amelia. A Grace e o Jack também merecem uma recordação da tia-avó.

Rachel resistiu à tentação de lhe fazer notar que ter de cuidar de um monte de cães sortidos não resultava propriamente numa vida livre e descomprometida. Irritava-a profundamente esta crença familiar generalizada de que o facto de ela não ter filhos lhe permitia uma vida plena de diversões noturnas e de egoísmo desenfreado.

– E que tal um cão? Achas que eles iam gostar? – sugeriu, meio a brincar. – Tenho de sobra.

Conseguiu ver-lhe o esgar scandalizado no rosto, mesmo a trezentos quilómetros de distância.

– O quê?! Não! Isso seria de uma irresponsabilidade extrema! Então e as alergias? Não, Rachel, tu vais ter de falar primeiro com a Amelia. E de certeza que se arranja um conjunto de escova e espelho de prata perfeitamente apropriado para a Grace. E para o Jack... lembro-me de que a Dot adorava pescar, de certeza que tinha um equipamento completo, certamente caríssimo.

Fez uma pausa para retomar o fôlego e continuou:

– E promete que não dizes que fui eu que te contei, mas do que a Amelia está mais a precisar neste momento é de uma ajudinha financeira. Custa uma fortuna criar filhos nos dias que correm. De certeza que a Dot terá deixado um pé-de-meia que...

– Mãe, para! – interrompeu-a Rachel. – Nem vale a pena continuares, digo-te já que a Dot não deixou dinheiro nenhum.

– O quê?! – Val soou absolutamente incrédula.

– Não há dinheiro. Há a casa e o negócio dos canis, mas assim que se pagar ao pessoal e aos advogados não vai sobrar um cêntimo.

– Mas... como é isso possível? Ela recebeu metade do dinheiro da venda da casa do nosso pai. Não pode ter estoirado tudo!

Rachel conseguia ouvir-lhe a mágoa subjacente às suas palavras. E nada tinha a ver com dinheiro, ela sabia isso. Val era inacreditavelmente generosa, à sua maneira. Era uma acérrima defensora dos pobres e desfavorecidos, tanto quanto Dot, mas com pessoas, não com animais. Estava sempre disposta a ajudar, pondo sempre os outros em primeiro lugar, levando com frequência os vizinhos mais velhotes ao hospital, no seu Fiesta encarnado, ou ajudando os viúvos a tratar da roupa.

– Ela deve ter gasto verdadeiras fortunas com os cães, mãe – observou Rachel, caminhando à volta do jipe. – Mas foi uma opção dela.

Val ficou em silêncio do lado de lá e Rachel soube que ela estava a contar até dez para não dizer aquilo que realmente pensava. Ouviu qualquer coisa em fundo, qualquer coisa *gritante*.

– Diz lá, Ken?... Ah, o teu pai está a dizer para dares uma vista de olhos aos... Aos quê da Dot? Fala alto, homem! Ah... aos álbuns dela do Acker Bill¹.

Rachel fez um esgar de impaciência, olhando para Megan, paciente-mente à sua espera dentro do jipe.

– Mãe, isto não é nenhuma venda de garagem – protestou. – Ouve, quando as coisas ficarem oficialmente tratadas, vocês podem cá vir e escolher tudo o que quiserem. Está bem assim?

– Não queremos impor-nos, de maneira nenhuma. Além de que eu tenho imensos compromissos por cá, as senhoras do lar contam comigo e com o teu pai, não posso largar tudo de um momento para o outro.

¹ Famoso clarinetista de jazz inglês, nascido em 1929 e ainda no ativo com concertos e digressões (N. T.)

Mas posso eu, disse Rachel para si mesma.

– E então? Quais são os teus planos, querida? – prosseguiu Val.

– Pensas vender a casa? Uma casa desse tamanho exige imensa manutenção, e para uma pessoa sozinha é... complicado. Trata-se de uma casa de família e eu sempre disse ao teu pai que era demasiado grande para a Dot lá viver sozinha.

Rachel olhou para os outros automóveis estacionados no parque do escritório de advogados. Reparou num Jaguar prateado parecido com o de Oliver e sentiu o coração apertado.

– Rachel?... Estás aí?

– Sim, mãe... – murmurou, esfregando o nariz e fechando os olhos com força.

– Instalaste-te por aí? Ontem à noite liguei-te para casa e ninguém atendeu. Já não me ligas, não me contas nada... – suspirou Val.

Fez uma pausa e prosseguiu, num tom mais doce:

– As filhas gostam de partilhar as coisas com as mães. A tua irmã passa a vida a aparecer-me cá com as crianças, mas tu... Nunca sei sequer se estás no país ou não.

– Tenho andado assoberbada com trabalho, mãe.

Rachel estava decidida a pôr um fim à conversa antes que a coisa descambasse para a habitual ladainha que não levava a lado nenhum. Mais tarde ou mais cedo ia ter de dizer à mãe que fora despedida, mas pelo menos podia esconder-lhe a rutura com Oliver.

Fora algo que Rachel decidira há já alguns anos; era mais fácil fingir que não tinha ninguém e continuar a ouvir os sermões da mãe sobre «encontrar um homem com quem assentar», do que tentar explicar-lhe a complicada relação com um homem tão inadequado quanto Oliver Wrigley. Ironicamente, a única pessoa da família que sabia da relação era Dot e, mesmo assim, Rachel só lhe contara o mínimo indispensável.

– O trabalho não é tudo na vida, filha – lembrou-lhe Val.

Esta observação não era propriamente de uma grande utilidade, vinda de uma mulher que desde 1969 tinha optado por ser esposa e mãe a tempo inteiro, graças à exagerada devoção do marido à medicina dentária.

– Além de que tu já não vais para nova...

– E alguém vai? – irritou-se Rachel, regressando ao carro.

Assim que se voltou, deparou-se cara a cara com um par de olhos vívidos. Gem fixava-a intensamente através do vidro traseiro, e Rachel deu um passo atrás com a surpresa.

Ele estava sentado muito direito, com uma pata poisada sobre o caixote das tralhas e de cabeça inclinada, como se estivesse a ouvir atentamente a conversa telefónica. Tinha uma orelha para baixo e a outra para cima, muito espetada, revelando um interior sedoso e cor-de-rosa, pintalgado de pelinhos brancos. Parecia estar orgulhosamente a guardar os bens materiais de Rachel, ansioso por agradar e ser útil, sem suspeitar que a sua nova dona não tinha lugar para ele na sua intrincadíssima vida.

Um sentimento de pena e de culpa absolutamente irracional invadiu o peito de Rachel e, para seu enorme espanto, sentiu lágrimas picarem-lhe as pestanas.

Talvez seja apenas um indício de menopausa precoce, pensou ela, pesarosa. Ficar lamechas com animais. O corpo a avisá-la de que tinha soado o apito final e que devia agora dedicar-se a criar gatos.

– Rachel! Diz alguma coisa, querida...

Val continuava em linha, quem sabe à espera de um romper de lágrimas bem ao género da Amelia.

– Mãe, vou ter de desligar. Ligo-te logo.

– Há assuntos importantes que temos de discutir – protestou Val.

«E não te esqueças dos álbuns do Acker Bill!», gritou uma voz abafada e distante.

– E não te esqueças dos... – Val começou a repetir.

– Eu sei, mãe... ouvi à primeira.

Desligou e, do lado de lá do vidro, Gem começou a arfar com ar satisfeito, a língua cor-de-rosa pendendo-lhe da boca como uma fatia de fiambre.

– Não te estiques – avisou-o Rachel.